

8

UM OLHAR SOBRE A IDEOLOGIA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO

A VIEW OF IDEOLOGY AND THE BUILDING OF IDENTITIES IN *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, BY JOSÉ SARAMAGO

Melina Marim dos Santos Silva

Graduanda do Curso de Letras, habilitação em Inglês, da Universidade de Franca (Unifran).

Marilurdes Cruz Borges

Professora orientadora da Universidade de Franca (Unifran); mestra em Linguística.

RESUMO

O objetivo deste estudo é ilustrar como a ideologia dominante de um discurso pode ser persuasiva para a mudança de uma identidade. Para tanto, escolhemos o romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, a fim de observarmos como a ideologia de um grupo ou sujeito pode tornar-se dominante e determinar identidades suscetíveis a ela, bem como onde a ideologia do outro influencia na identidade do sujeito. Partimos do romance para levantarmos a problemática do mundo moderno onde a identidade do indivíduo é fragmentada, formando partes de várias outras. Nossos estudos partem da concepção de que a ideologia, nos dias atuais, é uma grande arma de dominação, e, para sustentar a investigação, utilizaremos, por base teórica, o conceito de ideologia apresentado por Volshinov, baseado nos estudos de M. Bakhtin, em *A filosofia da linguagem*. Observamos

a convivência das pessoas que compõem o grupo principal, na obra, desde o momento em que se inicia a epidemia da cegueira branca. Nosso olhar recairá sobre a mulher do médico, pois ela mostra, desde o início da trama, sua ideologia bem estabelecida e decidida, sua posição diante da catástrofe/epidemia e sobre o sofrimento é sempre digna e linear, conduzindo as pessoas que compõem o seu grupo a olhar através de seus olhos. Essa mulher leva os cegos a descobrir uma nova identidade dentro da cegueira, fazendo com que, durante a ação narrativa, as situações vividas mudem conforme se modifique o espaço ou as situações vividas por ela e seu grupo. Foi investigando o comportamento ideológico dessa figura feminina na obra de Saramago e observando as ações das pessoas que a acompanham, que pudemos confirmar que o discurso do sujeito mulher é dominante e condiciona as ações e identidades das pessoas que a ele são submetidas.

Palavras-chave: ideologia; identidade; sociedade.

ABSTRACT

The aim of this study is to illustrate how the dominant ideology of a speech may be persuasive to a change of identity. To do this we choose the novel “Ensaio sobre a cegueira” (1995), by José Saramago, in order to observe how the ideology of a group or person can become dominant and determine identities susceptible to it, and where the ideology of other influences over the individual. We leave the novel to set up the problem of the modern world where the individual’s identity is fragmented to form parts of several others. Our studies start from the assumption that ideology, nowadays, is a great weapon of domination and to support research, we will use, as a theoretical basis, the concept of ideology presented by Volshinov based on the studies of M. Bakhtin, in “The Philosophy of Language.” We observed the coexistence of people that constitute the main group

in the work, from the moment that starts the epidemic of white blindness. Our eyes will be on the doctor's wife, because it shows since the beginning of the plot, their ideology is well established and determined its position before the disaster / epidemic and the suffering is always dignified and linear, leading people who comprise its group to look through your eyes. This woman leads the blind to find a new identity within the blindness, so that during the narrative action, the situations experienced change as we modify the space or the situations experienced by her and her group. Was investigating the behavior of the female figure in the ideological work of Saramago and observing people's actions that accompany it, we could confirm that the speech of the woman is dominant and determines the actions and identities of people who are subjected to it.

Keywords: ideology; identity; society.

INTRODUÇÃO

Ao ler *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, o que mais se observou de intrigante no enredo é como os personagens vão se modificando através desta odisséia moderna. No início do livro, todos têm sua vida, sua rotina e seu cotidiano pertencentes a uma sociedade dita convencional, encaixando-se nas ‘normas’ estipuladas pelo próprio homem para cumprir o seu papel organizacional. Em que cada pessoa tem que pertencer a certos grupos para cumprir seu papel social, seja no trabalho, na família, no grupo de amigos, em grupos na internet, ou seja, o indivíduo tem que preencher todas as lacunas para ser aceito dentro deste modelo preestabelecido. Além disso, ele deve ter uma ideologia e possuir uma identidade ‘única’ e, ainda mais, em regra, não ser suscetível a mudanças em sua personalidade, pois será taxado de fraco. Contudo, o homem ainda se depara com seus medos e aflições que dificultam esse processo.

Na obra que analisaremos, esse processo ocorre ao contrário, pois tudo que os personagens construíram antes de ficarem cegos, como o seu círculo de moldura para viver em sociedade, é desconstruído e eles são obrigados a construí-lo novamente em uma situação avessa àquela que era vivida. Mas o que, para nós, é mais relevante dentro do *corpus* é como a identidade pode ser influenciada por uma ideologia diferente daquela escolhida. Para analisarmos os aspectos de ideologia e identidade, levantamos algumas questões: como uma ideologia pode tornar-se dominante a uma identidade suscetível a ela? Até onde a ideologia do outro influencia a identidade daquele que a deixa influenciar? A mudança ideológica ocorre quando permitimos ou ela vem de maneira que, quando percebemos, já está ocorrendo a transformação?

Para refletirmos sobre as questões levantadas, faremos uma breve conceitualização de ideologia e identidade, segundo os pensamentos

bakhtinianos, para então mostrarmos se há ou não a mudança esperada. A conceituação sobre ideologia será feita em seu início com seu idealizador, De Tracy, e o que ele queria com a sua definição, seus avanços durante a história, suas conotações, até chegarmos à definição de Marx e Engels em *A ideologia alemã* (1845), que é a trabalhada por Bakhtin. Falaremos também sobre a formação da identidade no mundo moderno e como essa construção pode ou não ser mudada durante a vida e as escolhas de cada indivíduo, para então analisarmos dentro do *corpus* a marca da ideologia da mulher do médico, as identidades suscetíveis a esta e suas transformações.

1 CONCEITOS DE IDEOLOGIA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

Apresentaremos uma conceituação da palavra ideologia e sua evolução durante a história. Em seguida, desenvolveremos uma rápida análise da formação da identidade do indivíduo e como ele pode ser influenciado ao longo de sua vida. Essa exposição teórica é importante para obtermos subsídios necessários à nossa investigação sobre o quanto a ideologia do OUTRO pode influenciar a identidade do EU.

A palavra ideologia possui diferentes significados e duas naturezas: a neutra e a crítica. Para chegar a essa definição, a palavra ideologia passou por diversas mutações e, em alguns momentos da história, esteve marginalizada, pois havia traduções que a classificavam como pejorativa.

O conceito da palavra ideologia começou com Destutt De Tracy¹, iluminista francês que buscou uma palavra para definir ‘a ciência das ideias’. Nesse contexto, ideologia passaria, então, para o estudo sistemático e positivo das ideias. De Tracy quis que não fosse somente um termo para denominar um estudo, mas que ampliasse sua signi-

¹ Antoine-Louis-Claude Destutt, o conde de Tracy (1754-1836), foi um filósofo, político, soldado francês e líder da escola filosófica dos ideólogos. Criou o termo *idéologie* (1801) no tempo da Revolução Francesa.

ficação, passando também a atingir o nível social, compreendendo assim os modos do pensamento humano e os fenômenos da ordem social e política, podendo reorganizar estruturas sociais e políticas, ajustando-as às necessidades do indivíduo. Apesar da tentativa de De Tracy, não se conseguiu nivelar todos os âmbitos de ideologia, devido às pessoas serem diferentes.

Com o tempo e os acontecimentos históricos, a palavra ideologia foi passando por uma radical mudança, tomando uma conotação negativa.

A palavra ideologia foi, em outro momento, redefinida por Marx e Engels em *A ideologia alemã* (1845), onde a ideologia mascarava a realidade, considerando que uma ideia, um discurso, ou ação mascara um objeto, apresentando apenas um lado e escondendo os outros.

Depois disso, outros pensadores também redefiniram o significado de ideologia; alguns mantiveram a concepção de Marx, outros passaram a tratá-la como ‘visão de mundo’ – concepção neutra – Lênin, e outros desenvolveram análises sobre o conceito – Mannheim, Althusser, dentre outros.

Para nossa investigação, utilizaremos o conceito de ideologia apresentado por Volshinov, baseado nos estudos de M. Bakhtin, em *A filosofia da linguagem* (1981). Bakhtin tem como base os pensamentos de Marx: “Para começar, as bases de uma teoria marxista da criação ideológica – as dos estudos sobre conhecimento científico, a literatura, a religião, a moral etc. – estão estreitamente aos problemas da filosofia da linguagem.” (BAKHTIN, 1981, p. 31).

A ideologia não é algo material, faz parte do social e está no homem e em sua maneira de se comportar diante do mundo, por isso, muitas vezes, há divergências de pensamentos, pois cada grupo social tem arraigada em si uma ideologia há muito existente e defendida através dos antepassados, sendo modificada sempre que há algum

conflito. Mas para a ideologia se manifestar, é preciso um meio, ou canal, algo que a viabilize: “Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) [...], ele também reflete e refrata uma outra realidade que lhe é exterior.” (BAKHTIN, 1981, p. 31).

Nos estudos linguísticos apresentados por Saussure², o signo é a parte material da palavra e o significante é o aspecto imaterial, o significado. Na ideologia, tudo que é signo existe um significado: “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia.” (BAKHTIN, 1981, p. 31).

Sendo assim, a palavra em si se torna algo de máxima importância e relevância para a ideologia, pois ela agrega um significado; e este significado a absorve de maneira que ela não permita outra valia.

A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. (BAKHTIN, 1981, p. 36).

Assim, podemos usar das palavras para criar um efeito de sentido para formar uma ideologia latente que existe inconscientemente no indivíduo, partindo daí uma forma de expressão para o convencimento do outro a partilhar de outra ideologia. As mudanças e transformações, que sofrem a sociedade diante de fatos novos ou produtos ideológicos novos, cabem a cada sujeito, que com sua consciência decidirá o que fazer. Segundo Bakhtin (1981, p. 41), “as palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos [...] É, portanto, claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais”.

² Ferdinand de Saussure foi um linguista e filósofo suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística enquanto ciência e desencadearam o surgimento do estruturalismo. Além disso, o pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX.

Para Bakhtin (1981), a fala, a comunicação, é impulsionadora das modificações linguísticas, e a palavra é usada para mostrar os valores contraditórios dela própria, dependendo da forma em que seu usuário a quer mostrar. A ideologia é marcada no discurso do indivíduo e nele, e este a deixa transparecer, por meio da língua, a sua ideologia. O discurso (fala, escrita etc.) depende de onde o indivíduo está, ou seja, o lugar que ocupa e o tempo em que vive. É, pois, o tempo-espaço que ocupa que vai modelar o seu dizer, o seu discurso.

O discurso é a parte mais importante da ideologia, e a partir dele, a ideologia é dominante ou não, pode modificar-se ou não. Com ela, afloram-se as diferenças de pensamento e posição diante de algum fato ou tema específico, pois o discurso é social, é humano; e a ideologia, inerente ao discurso.

A palavra é o signo ideológico por excelência; ela registra as menores variações das relações sociais, mas isso não vale somente para os sistemas ideológicos constituídos, já que a ‘ideologia do cotidiano’, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas. (BAKHTIN, 1981, p. 16).

A ideologia é parte constituinte do que é psíquico no indivíduo, é a partir de suas bases de formação e de seu tempo-lugar no momento de sua enunciação que caracterizará sua posição diante de determinado fato. Por isso, se a ideologia do indivíduo sofrer qualquer leve mudança, o seu discurso também sofrerá alterações: “Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a ‘atividade mental’, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia.” (BAKHTIN, 1981, p. 16).

Diz-se que no pós-modernismo as relações estético-ideológicas caminham juntas e são influências para as artes em geral. A ideologia está intimamente ligada ao posicionamento do indivíduo perante a sociedade. De acordo com Coward e Ellis (1977, p. 67 apud

HUTCHEON, 2002, p. 227), “a ideologia constrói e é construída pelo modo que vivemos nosso papel na totalidade social” e, conforme Hutcheon (2002, p. 227), “pelo modo como representamos esse processo na arte”. No caso de Saramago, vemos sua ideologia explícita em sua obra. Ele se posicionou como homem de esquerda, denominando-se comunista, e sempre são visíveis os questionamentos implícitos - O que fomos? O que somos? O que deveríamos ter sido? O que vamos ser? - os quais vão, à medida da leitura de seus textos, constatando essa postura política. Esses questionamentos são as principais perguntas a serem respondidas em sua obra, obrigando o leitor a se autoavaliar enquanto indivíduo dentro de uma sociedade, muitas vezes injusta, infiel e punidora daqueles que ousam transgredir o que é imposto socialmente como ‘normal’.

O primeiro passo (que apesar de ser óbvio deve ser analisado) é ter consciência da relação arbitrária e deformante que o trabalho artístico estabelece com a realidade, mesmo quando pretende observá-la e transpô-la rigorosamente, pois a mimese é sempre uma forma de poise. (CÂNDIDO, 1985, p. 12).

Saramago tece em suas obras um retrato, em sua maioria, fantástico da sociedade atual: seus conflitos, mazelas, defeitos e individualismo, que, por vezes, a sociedade camufla e esconde. Na contramão, o autor expõe esses conflitos e deixa implícito o questionamento metafísico. Sendo assim, há em sua maioria a identificação de um modo geral com seus personagens e narrativas. Com isso, é fácil o reconhecimento, pois o autor expõe em seu texto o espelho que ele encontra diante de si, ou seja, escreve sobre o grupo em que ele está inserido.

Esse comportamento representa uma das problemáticas do pós-modernismo, onde o leitor é levado a se identificar no texto, a se ver por meio do reflexo do bem ou do mal. Não há como não tomar uma postura ou não se enxergar dentro do espaço representado. Conforme exposto por Hutcheon (2002, p. 232), “o pós-modernismo levanta

a questão incômoda (e normalmente ignorada) do poder ideológico por trás de aspectos estéticos como o da representação: de quem é a realidade que está sendo representada”.

Sobre a questão da formação da identidade, desde o tempo antigo, há indagações sobre o EU. Estar inserido em um determinado grupo social é estar de acordo com sua ideologia e, com seus paradigmas, construir, assim, uma identidade social.

A construção da identidade está intimamente ligada à relação com o OUTRO. Temos o outro como espelho para a tomada de atitudes e decisões. Esse círculo começa logo na primeira infância, onde temos os pais; na adolescência quando fazemos parte de um grupo de amigos; na faculdade, no trabalho, na vida adulta, sempre estamos dentro de uma situação onde podemos nos adaptar, dependendo de nossos espelhos.

Ninguém pode construir uma autoimagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é o fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, que se faz por meio da negociação direta com os outros. (POLLAK, 1992, p. 12 web).

A globalização hoje em dia move o mundo, e seus conflitos expõem o homem a várias diferenças culturais e a todo tipo de informação. Com esse movimento de informações e culturas, o indivíduo pode se identificar com modos e opiniões diferentes daqueles que não fazem parte de sua origem e educação; com isso, acaba por adotar partes de diferentes identidades, fazendo parte de diversos grupos sociais e até mesmo tomando posturas nunca imaginadas. Na sociedade atual, o indivíduo é fragmentado, tendo ou fazendo parte de várias identidades.

Com o passar do tempo, o indivíduo coleciona muitos fragmentos de identidades e ideologias dentro de si, com isso fica cada vez mais

difícil escolher entre tantas identidades, tornando o homem vulnerável quanto à certeza dele mesmo: “É verdade, a crise de identidade é geral em todas as sociedades, à medida que a exclusão, a insegurança e a incerteza quanto ao futuro se tornem o destino da grande maioria.” (RATTNER, 2004 web).

Apesar dos grupos sociais terem suas identidades e ideologias próprias, o homem está suscetível a adquirir traços de outros modos de viver e pensar, e daí então, surgem os conflitos, os questionamentos, o confronto de culturas e identidades. Até onde podemos ir sem esbarrar na diferença?

Eis um desafio para a humanidade início de século e milênio: como superar a contradição entre a valorização da cultura própria, tradicional ou moderna, e a intolerância, o preconceito e desprezo pela cultura dos “outros” ou, em outras palavras, como assegurar a aceitação dos outros e, portanto, o convívio pacífico entre membros de culturas diferentes? (RATTNER, 2004 web).

A identidade é parte importante do indivíduo, pois é a sua formação que parte dos espelhos que ele tem em volta. A identidade é formada através da ideologia que, como já dissemos, é algo dentro e fora do ser humano, algo muito além de apenas ‘visão de mundo’.

A ideologia é parte relevante do ser humano e, através do discurso, podemos percebê-la. Nosso objeto é investigar os discursos ideológicos no romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, mas sabemos que junto aos discursos dos personagens, há também a ideologia do autor, por isso apresentaremos um estudo sobre a vida do mesmo.

2 JOSÉ SARAMAGO

Em 1998, José Saramago recebeu o Prêmio Nobel de Literatura. Ele nasceu em 1922, em uma família de trabalhadores rurais. Era ainda uma criança quando foi para Lisboa e aprendeu os ofícios de

serralheiro, mecânico e desenhista técnico. Trabalhou como leitor de uma editora e, nos anos 60, escreveu suas primeiras críticas literárias, as quais foram publicadas em revista.

Saramago começou a escrever tardiamente. Esteve um bom tempo da vida envolvido com a vida política de Portugal, tornou-se comunista depois de 1974, quando exerceu militância em compasso com a Revolução dos Cravos. Segundo Simões (1998, web), “[...] podemos dizer que Saramago situa-se literariamente ao lado daqueles que vivenciaram a revolução e, depois, ficcionalizaram as suas vivências: guerra colonial, embates agrários, repressão salazarista, processo da libertação da mulher”.

É importante dizer que o período revolucionário, de abertura político-social em Portugal, se estendeu por toda a década seguinte. Junto com o contexto social, a narrativa ficcional de Saramago é impulsionada pelos acontecimentos históricos e, por outro lado, impulsiona a reflexão crítica sobre o processo revolucionário.

Com o enfraquecimento da ditadura, a mudança social ocorreu sem freios. Indivíduos tornaram-se mais ousados e aprenderam a fazer reivindicações. Também se destaca nesse momento histórico (1975) a descolonização das colônias portuguesas: Guiné, Cabo Verde, Moçambique e Angola. O problema da descolonização foi que esta ocorreu sem critérios, provocando forte crise de identidade nos ex-colonizadores, que há muito erradicados nestas colônias, ao voltarem às terras portuguesas, com suas famílias, depararam-se com problemas de moradia, doenças e os conflitos internos. Tornaram-se pessoas sem pátria, que viveram nas colônias explorando outro povo e, retornando ao seu país, não sabiam como agir.

Diante de toda essa transformação sociocultural, Saramago também se modifica, encontrando uma forma diferente em seu modo de escrever. A tendência para o realismo mágico é manifestada já

em 1975, mas o escritor não deixa de usar os mesmos temas da revolução. Agora, Saramago, utilizando uma forma mais amadurecida e tendo o distanciamento necessário para enfrentar as questões da perda de identidade, a derrubada das fronteiras nacionais pela CEE³, a proximidade do novo milênio e a busca de si, no que diz respeito à recuperação da identidade, dessacraliza os mitos, conforme apresenta Simões (1998 web): “A ficção da atualidade dissolve a fronteira entre realismo e fantasia, para além de nacionalismos, o espaço que distingue os ficcionistas é o da imaginação e o da palavra”.

A marca de Saramago em sua literatura situa-se entre o real, o metafórico e o fantástico, uma arte para inventar histórias sem nunca esquecer a crítica e comprometimento social, preocupando-se com a sociedade e seus problemas, também com os seus próprios questionamentos metafísicos diante desta sociedade.

3 A IDEOLOGIA E A IDENTIDADE EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

Sabendo-se então que a ideologia é parte do discurso que é a externalização da psique humana e que a identidade se forma através da ideologia eleita, usaremos os estudos bakhtinianos para analisar a obra de José Saramago, *Ensaio sobre a cegueira* (2005), e tentar mostrar como o indivíduo pode transformar seu pensamento e sua identidade através de um discurso ideológico persuasivo.

Nosso olhar investigativo se dirigirá, especificamente, ao grupo do médico oftalmologista, a fim de observar como ocorre a mudança entre seus membros através do discurso da mulher do médico, a única que continua a enxergar.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, de Saramago, vemos que a sociedade é seu alvo dentro do âmbito do questionamento enquanto indivíduo,

³ CEE: Comunidade Econômica Europeia foi uma organização internacional criada por um dos dois Tratados de Roma de 1957 (em vigor desde 1958), com a finalidade de estabelecer um mercado comum europeu.

ele usa da cidade, de pessoas comuns, da vida cotidiana para entrar com sua alegoria de cegueira absoluta e tratar das relações humanas diante desta situação extraordinária. Para tanto, lança mão de cenários peculiares como o sanatório para a convivência dos personagens onde o instinto de sobrevivência é elevado ao extremo.

Os sentimentos elevados e o instinto animal do homem extremamente inflado se pautam por metáforas, como Candido (1985, p. 15) explica: “São por isso compreensíveis certos exageros compensatórios que vão ao extremo oposto e afirmam que a obra, no que tem de significativo, é um todo que se explica a si mesmo, como um universo fechado”.

No que diz respeito à construção, formulação ou concepção da obra, temos que olhar as influências político-sociais em que ela foi trabalhada para entender como essa influência se organiza dentro do texto e do seu conteúdo.

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e na sua variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores ideológicos e técnicas de comunicação. (CANDIDO, 1985, p. 21).

Em *Ensaio sobre a cegueira* (2005), é visível que o problema exposto não é nada além do que seu próprio reflexo da sociedade, pois encontramos o descaso das autoridades, o medo, a incerteza, a indignação, a luta pela sobrevivência, e a cegueira branca que a sociedade realmente vive sem ter consciência dela, ou até mesmo consciente, vivendo desta forma por escolha e comodismo. Conforme podemos observar pela apresentação de Candido (1985, p. 35), “a sua ação (sociedade) é enorme sobre o artista”.

Saramago descreve a aflição da sociedade hoje, não só sobre o que é físico, o que é visto, mas também aquilo que vai além, sobre cará-

ter, ética, ideologia, humanismo, dignidade, sentimentos há muito tempo perdidos e atropelados por uma máquina maior: “O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a imagem enquanto criador.” (CANDIDO, 1985, p. 38).

No romance *Ensaio sobre a cegueira* (1995), há uma epidemia de cegueira que atinge quase todos os habitantes de uma cidade, levando-os a seguir um caminho perverso e ininteligível. Numa visão aterradora, Saramago lança uma interrogação sobre a ética, a razão e a precariedade da condição humana. Com um estilo renovado, ele cria personagens esféricos e metáforas insólidas, em um texto denso, cheio de rupturas sintáticas, como o próprio Saramago explica:

Sem saber como, sem ter pensado nisso, começo a escrever como se estivesse contando aquela história, e contando aquela história, conto-a sem pontuação da mesma maneira como falamos, com sons e pausas”. Abolir a pontuação não foi decidido por alguém que quer escrever algo novo. Foi resultado lógico da aceitação de um tipo de narração que se confunde muito com a oralidade, tem a ver com essa mágica do conto oral (...) o que eu quero é que o leitor ouça... Ouça aquilo que está no livro. (MENDES, *Jornal Zero Hora*, 1998 web).

E é esta realmente a percepção que o leitor tem quando entra no ritmo que é necessário para a leitura desse tipo de texto, a tal ponto que se transporta para dentro dele, fazendo parte deste drama, chegando até, em alguns pontos da narrativa, a sentir algum desconforto nauseante.

Essa leitura ‘visual’ exige muito do leitor de Saramago, os questionamentos existentes no texto chegam a ferir os olhos de seu leitor. O questionamento da sociedade é ponto principal, usando da ‘cegueira visual’ para atingir a ‘cegueira da razão’, na qual os sete personagens principais são mandados para uma odisséia horrível e, simultaneamente, moderna, através da falta de dignidade, do assassinato, da violação, da chantagem e do roubo.

Ao escrever sobre a cegueira, o autor sugere que o homem é incapaz de ver o que está meramente diante dos olhos ao mesmo tempo em que mostra esse homem à mercê do próprio instinto:

Com o passar dos dias, as máscaras sociais deixam de ser importantes e necessárias na instância de vida dos cegos na camarata. Os códigos sociais assim como os nomes começam a se perder em um microrganismo governado pelos sentidos. (CARREIRA, 2001 web).

Como o homem é um indivíduo histórico-social que carrega em si as marcas de seu tempo-lugar, nessa obra, pode-se verificar esse tempo e lugar ilustrado, além de observar também as vozes, os valores e as atitudes que neles estão e que os modificaram:

Como a realidade linguístico-social é heterogênea, nenhum sujeito absorve uma só voz social, mas sempre muitas vozes. Assim, ele não é entendido como um ente verbalmente uno, mas como um agitado balaio de vozes sociais e seus inúmeros encontros e entrechoques. (FARACO, 2006, p. 81).

Quando no manicômio todos se encontram cegos e desprotegidos, não sabendo ao certo o que fazer e o que irá acontecer, há uma necessidade, que pertence a todo homem, de se agrupar para ser mais forte diante de uma nova situação. Eles se organizam em pequenos grupos conforme os interesses em comum, fazendo então associações com pensamentos e ideologias parecidas, sobressaindo o líder aquele com o discurso mais forte e dominante, sendo eleito mesmo que inconscientemente pela maioria.

Na obra, há destaque para dois grupos, talvez os mais fortes dentro do enredo: um em que o médico oftalmologista é o líder, e o outro do qual um criminoso passa a ser o cabeça. Os dois líderes são completamente distintos, pois o médico preza o diálogo, o companheirismo, as ações conjuntas, enquanto o outro impera seu discurso, exerce coação sobre os outros indivíduos. Cada um age de acordo com sua ideologia e, durante a cegueira, essa vai se adaptando, se modificando

de acordo com os interesses e necessidades, conforme as reflexões de Faraco (2006, p. 81): “Nesse processo de construção socioideológica do sujeito, as vozes funcionarão de diferentes modos. Alguns entrarão como vozes de autoridade e outras vozes internamente persuasivas.”

Durante a narrativa, podemos ver claramente a rotina dos personagens ante o acontecido, não sabendo ainda da epidemia; cada um tratava de sua vida, com seus desejos, possibilidades e questionamentos. Todos seguiam conforme lhes era certo e sem maiores preocupações e de certa forma já cegos, pois, por que olhar para o lado se já estavam tão ocupados?

De repente, alterando a rotina apenas de um personagem e contando com a eficácia de uma epidemia, todos saem de sua vida de sonho para se encontrar de fato com seu EU, voltando para si mesmo, enfrentando aquilo que muitas vezes luta para esconder: “O cego ergueu as mãos diante dos olhos, moveu-as, Nada, é como se estivesse no meio do nevoeiro, é como se tivesse caído num mar de leite. Mas a cegueira não é assim, disse o outro, a cegueira dizem que é negra, Pois eu vejo tudo branco.” (ESC, 2005, p. 13).

Normalmente a cegueira é preta, ou seja, ausência total da luz ou o nada. No caso do romance, a falta de visão é branca, o que representa a totalidade da luz, portanto, o tudo.

O branco cor iniciadora em sua acepção diurna, com da revelação, da graça, da transfiguração que deslumbra e desperta o entendimento. O branco produz sobre nossa alma o mesmo efeito o silêncio absoluto. Esse silêncio não está morto, pois transborda de possibilidades vivas. (CHEVALIER, 1993, p. 142).

Se mergulhados na totalidade da luz, na brancura que ela proporciona; poderíamos então desenhar uma nova história? Viver uma nova vida? Ou apenas se perder nesta que é a paródia que dá sentido à obra? Talvez encontrar uma segunda chance para fazer de novo

aquilo que não fez bem, reescrever a história, são possibilidades que caminham por toda a obra. Encontrar-se é o que é proposto a todos os cegos, o convite à reflexão é convite ao leitor que, quando termina de ler, tem a sensação de que pode ficar cego também. Mas se os personagens tivessem consciência de si próprios, será que precisariam de uma epidemia de cegueira temporária para que as possibilidades voltassem aos seus olhos?

Os personagens não possuem nomes, são distinguidos por características geralmente relacionadas aos olhos: “A rapariga dos óculos escuros também foi levada para a casa de seus pais” (ESC, 2005, p.35).

Saramago não dá nomes aos seus personagens não para deixá-los no anonimato, pois a todo o momento dentro da obra conseguimos distinguir as características de um e de outro, mas sim como uma maneira de universalizar, abrangendo todas as pessoas, todos os nomes:

É importante notar que Saramago não nomeia as personagens do seu romance, deixando-as num suposto anonimato (suposto porque elas são a todo tempo individualizadas). Essa ausência de nomes cria um efeito universalizante, constatando que as grandes desgraças igualam os homens nos medos, nas necessidades e nos sonhos. (CALBUCCI, 1999, p. 88).

As autoridades veem que a epidemia é séria e resolvem esconder os párias que podem afetar todo o resto da sociedade. Então são tratados como à margem da sociedade, excluem-se aqueles que não se enquadram à regra, à normalidade. São enviados e trancafiados em um manicômio desativado onde são deixados à mercê de sua própria sorte, sem ninguém para guiá-los ou ajudá-los na adaptação. Com isso, sem a visão, sem direção ou qualquer direcionamento, os cegos se entregam aos seus instintos, esquecendo-se de sua condição humana racional, beirando o estado de animal irracional.

Nesse alojamento, Saramago promove uma verdadeira revolução nas relações humanas, que vão ser pautadas pelos

instintos: desde os violentos e agressivos até os ternos e solidários. O toque substitui o olhar, o tato substitui a visão. As necessidades afetivas, os desejos carnavais, as disputas pela comida, a formação de novas amizades, tudo é reestruturado e as pessoas são obrigadas a ‘reaprender’ a viver. (CALBUCCI, 1999, p. 87).

Os cegos se agrupam conforme suas necessidades, comportamentos e interesses. No grupo do médico oftalmologista, cuja esposa, única testemunha da epidemia que não é afetada por ela, vira uma espécie de guia para os cegos de seu grupo. Juntos procuram uma forma de sobreviver, ou seja, os cegos se apoiam nos olhos de uma mulher, que há poucos dias era uma completa estranha, e passam a compartilhar de sua visão, seu posicionamento diante desta catástrofe. Nesta relação entre o que vê e os que não veem, estabelece-se que a visão dos cegos se dará através dos olhos da mulher do médico.

A mulher do médico, que não perdeu a visão (repita-se), torna-se o guia do bando dos cegos. É justamente ela que faz a reflexão, poder-se-ia escrever revelação, mais importante de todo o livro, ao falar sobre o peso de sua responsabilidade, ‘responsabilidade’, diz o narrador, ‘de ter olhos quando os outros perderam’. (CALBUCCI, 1999, p. 89).

Vemos na obra que a mulher do médico é a única no relato que ainda pode enxergar e ver o caos que está a sua frente, daí a pergunta: por que essa mulher pode enxergar no meio desse horror todo?

Há uma diferença semântica entre ver e enxergar: “A definição de ver no dicionário é 1. Conhecer ou perceber pelo sentido da vista; já enxergar: 1. Ver, 2. Entrever, 3. Presentir” (ROCHA, 2001, p. 240 e p. 637). Desta maneira, podemos diferenciar a mulher do médico de todo o grupo, pois se ela realmente enxerga, ela tem consciência de seu papel na sociedade, tem a real noção de suas escolhas, conhece a si e aos outros, não necessitaria passar pela cegueira para conseguir enxergar e não só ver. A sua identidade não se altera por fatores ex-

ternos, mas ela a afirma e se coloca à disposição na ajuda do próximo, percebemos então sua ideologia.

Quando o médico e sua mulher chegam ao manicômio, são os primeiros a encarar a realidade que os espera. Ela percorre todo o local e, em pouco tempo, a eles se juntam outras pessoas que constituíram o primeiro grupo. Com o passar dos dias, mais pessoas vão sendo confinadas no manicômio e outros grupos vão se formando. Grupos formados começam as lutas e disputas por comida, água, lugar e, até mesmo, sexo, gerando violência, morte, violação, mas a pior delas é a humilhação.

No texto de Saramago, os personagens sentem medo diante da descoberta do que realmente são as limitações vividas pela cegueira. A exceção dessa odisseia é a mulher do médico: ela nada teme.

A mulher do médico disse consigo mesma, Comportam-se como se temessem dar-se a conhecer um ao outro. Via-os crispados, tensos, de pescoço estendido como se farejassem algo, mas, curiosamente, as expressões eram semelhantes, um misto de ameaça e de medo, porém o medo de um não era o mesmo que o medo do outro, como também não o eram as ameaças. (ESC, 2005, p. 49).

Na verdade, todo esse medo acontece porque a cegueira provocou uma revisão nos valores íntimos de cada um, por isso o medo de que os outros possam ver o seu interior, assim como lhes são dados nomes começam a perder as noções de vida em sociedade e passam a ter atitudes irracionais: “Não eram porcos, só um homem cego e uma mulher cega que provavelmente nunca saberiam um do outro mais do que isso.” (ESC, 2005, p. 98).

A diversidade da natureza dos personagens, vindos de uma realidade diferente com verdades, crenças e hábitos diferentes, faz com que a mulher do médico enxergue como essas diferenças tornaram-se pequenas diante dos problemas causados pela cegueira e a vida entregue

aos sentidos mais animais do homem como o da sobrevivência e isso se resume em apenas uma frase: “O mundo está todo aqui dentro.” (ESC, 2005, p. 102).

Percebe-se durante a leitura que a mulher do médico batalha para que os cegos da primeira camarata não se marginalizem, nem se animalizem como o resto que sofre com a cegueira, mas isso também não significa que ela os conduz como se fosse para manter as convenções de uma realidade que já não existe mais, mas sim o contraponto que mostrará os sentimentos, as mudanças desses sentimentos que constituirão a nova relação entre os cegos e ela, para assim enfrentarem a longa jornada do aprendizado para reencontrar visão.

Durante este período de confinamento, o grupo do médico oftalmologista passa junto pelos desafios impostos. Todo discurso do médico ao grupo é, na verdade, a fala de sua esposa, ou seja, um relato do que ela vê e do que ela acha que deve ser feito de acordo com sua consciência. A mulher do médico consegue distinguir todas as misérias e desespero humano que acontecem à sua volta, compadece-se e, dentro de suas possibilidades, acha a melhor maneira de ajudar o grupo.

O discurso da mulher do médico não é opressor, nem opositor, amargo ou ignorante, ao contrário, ela tem plena consciência de tudo o que está acontecendo, não só pelo fato de ver, mas também pelo que ela traz em si por ter ocupado a posição que lhe pertence dentro da sociedade, assumindo suas escolhas.

A mulher do médico não cegou porque provavelmente era a única que tinha verdadeiramente consciência pessoal. O recado estava dado: as pessoas recuperaram a capacidade de ver. Que elas usem da melhor maneira possível. Ou voltem à cegueira branca, da qual algumas nunca vão sair [...]
(CALBUCCI, 1999, p. 90).

Durante a estada no manicômio e até depois, quando já estão na casa do médico, a mulher do médico é quem cuida de forma desvelada

de todos os cegos de seu grupo e aqueles que aceitaram sua ajuda durante a prisão. Ela os ajuda, conduzindo-os até chegarem à sua casa, aconselha-os, auxilia-os a tomar banho, a vestir-se, a comer, como se alcançassem ao *status* de família. Sem saberem se voltariam a enxergar, a mulher do médico oferece-lhes o que tem para comer e busca outras alternativas para conseguirem sobreviver e até fazem planos para se adaptarem nessa nova realidade de cegueira.

Uma das imagens mais bonitas do livro é quando, de madrugada, em casa, a mulher do médico ouve a chuva e decide ir lavar os utensílios sujos, é quando ela se dá conta que ali, naquela chuva que caía do céu, pode lavar-se de toda a sujeira acumulada naqueles dias, então chama as outras mulheres cegas para também desfrutarem deste momento mágico da chuva caindo em seus ombros e podendo limpar toda a sujeira, um momento muito íntimo para mulheres em geral, o momento do banho onde podem mandar as impurezas embora e se refazem de forma total, livrando-se da sujeira do dia e da alma.

[...] meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo... talvez não sejamos capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez na história da cidade, cai do chão da varanda uma toalha de espuma, quem me dera ir com ela, caindo interminavelmente, limpo, purificado, nu.” (ESC, 2005, p. 266).

No final do livro, a cegueira começa a desaparecer assim como ela surgiu, um a um os cegos voltam a enxergar, e há uma comoção geral; o primeiro a voltar a enxergar é justamente o primeiro que cegou e assim sucessivamente. E nas ruas cobertas de lixo, as pessoas cantam e dançam. O médico começa a retomar sua preponderância diante das mazelas: irá operar a catarata do velho da venda preta. E assim, a mulher do médico volta ao seu lugar de esposa, ao seu lugar feito por sua escolha, assumindo mais uma vez sua verdade, conversa com o marido: “Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que

não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.” (ESC, 2005, p. 310).

A aceitação da mulher diante da adversidade é característica de qualquer mulher que sabe seu lugar, mas não uma aceitação resignada, uma aceitação com ação para melhorar a situação vivida já que não há outra possibilidade. Aceitação do acontecido e não do que ainda está por vir, esse ainda pode-se mudar, fazendo-o melhor e mais digno, então a mulher do médico já com sua tarefa cumprida se levanta e vai olhar pela janela do prédio onde moram, tentando entender o que havia ocorrido e, então, retorna à sua realidade dizendo: “Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda estava ali.” (ESC, 2005, p. 310).

CONCLUSÃO

Vimos que a ideologia da mulher do médico já vem estabelecida e decidida dentro da trama, sua posição diante da catástrofe, sobre o sofrimento é sempre digna e linear, mas fazendo com que os outros do grupo olhassem através de seus olhos e comungassem de sua ideologia. Sabedora de seu tempo-espço, ela é capaz de ajudar os outros cegos a seguir e a descobrir uma nova identidade dentro da cegueira, fazendo com que, durante o livro, as situações vividas mudem conforme se modifiquem o espaço ou as situações vividas por ela e seu grupo. Observando também como o grupo apresenta outro comportamento depois da convivência.

Além da ideologia marcada no romance de José Saramago, o discurso da mulher do médico, no *corpus*, pode ser dominante para alguns personagens com os quais ela convive, bem como ser decisivo para a continuação da narrativa, pois é a única testemunha do mal que assola a sua comunidade, tendo real dimensão dos acontecimentos vividos pelos personagens.

Apesar de todos acharem que antes da cegueira pertenciam a um grupo, tinham uma identidade concreta e viviam dentro de uma rotina, em *Ensaio Sobre a Cegueira* acontece o caminho contrário, ou pelo menos parte dele. O homem se vê sem identidade dentro de uma cegueira branca onde traços, valores ou identidades culturais já não existem, são desconstruídos quando são obrigados a conviver em um espaço diferente, desconhecido, comum a outras pessoas, e lá sim começam a reconstruir sua identidade a partir de novos interesses, tendo referência (espelho) a mulher do médico e sua ‘visão do mundo’.

Ensaio sobre a cegueira (1995) é uma grande odisséia que se passa no nosso mundo moderno, e nos fala, através de sua paródia, como o homem se comporta com seu próximo. A mulher é a única que não é acometida pela cegueira porque tem consciência de si própria, de suas escolhas, e de seu lugar na sociedade e não vira as costas para esse fato, assim como os outros personagens que camuflam seu verdadeiro eu para se adequar às regras da sociedade padrão.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

CALBUCCI, E. *Saramago um roteiro para romances*. São Paulo: Ate-liê, 1999.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.

CARREIRA, S. S. G. *O não-lugar da escritura: uma leitura de Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago. Disponível em: <<http://sincronia.cucsh.udg.mx/onao.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

CHEVALIER, J. *Dicionário de símbolos*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Criar, 2006.

HUTCHEON, L. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

MENDES, A. Uma ficção feita com acasos e sonoridade. *Jornal Zero Hora*. Porto Alegre. 28/12/1998, Segundo Caderno, Literatura, p. 7. Disponível em: <http://www.jayrus.art.br/Apostilas/Literatura-Portuguesa/Contemporanea/Jose_Saramago_Todo_os_Nomes.htm>. Acesso em: 16 maio 2009.

POLLAK, M. *Memória e identidade social*. Disponível em: <http://api.ning.com/files/LI8EhWKOjnpBzyw257Y0NHNZ7xcrf09jmLgegfTskrMH*4bgGuha7RjunwpB7V0vtLjHGOMt7nk*godglpjyrxGZxI1DJ8/MemriaeIdentidadeSocial.pdf>. Acesso em: 15 maio 2009.

RATTNER, H. *Em busca da identidade no mundo de incertezas*. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/034/34rattner.htm>>. Acesso em: 26 maio 2009.

RODRIGUES, S. C. *Realismo mágico*. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/edtl>>. Acesso em: 20 fev. 2009.

SARAMAGO, J. *Ensaio sobre a cegueira*. 34. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SIMÕES, M. L. N. *Ensaio – Saramago e a geração dos cravos*. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio26.htm>>. Acesso em: 18 fev. 2009.